

Presidente guarda mágoa do episódio

52

Fernando Henrique estaria decepcionado especialmente com reação de agentes econômicos

BRASÍLIA — O presidente Fernando Henrique Cardoso ficou surpreso com a dimensão alcançada pelo escândalo da compra de votos e decepcionado com a reação dos chamados agentes econômicos, que deram credibilidade às denúncias. O sentimento do presidente, na definição de um amigo, é de "mágoa".

Para Fernando Henrique, a demonstração de desconfiança dos investidores nas bolsas e dos compradores de títulos da dívida externa no mercado internacional agora foi o pior saldo do episódio. Desde a publicação da denúncia, as bolsas caíram sob a ação dos especuladores e os títulos da dívida externa, em Londres, por exemplo, baixaram um ponto, índice que só agora está sendo recuperado.

A deceção do presidente estende-se à imprensa, que desde o primeiro momento tratou como um caso federal a denúncia de que dois governadores do Norte teriam comprado os votos de cinco deputados do Acre. Para ele, não havia razões objetivas que justificassem as suspeitas em torno do ministro Sérgio Motta e, por consequência, do núcleo central do poder.

O presidente e seus amigos acham que deram provas suficientes de honestidade ao longo da vida pública. Mencionam que o ministro da Fazenda, Pedro Malan, iniciou a renegociação da maior dívida externa do Ocidente, conclui-

da quando Fernando Henrique estava no posto, e nenhum dos dois obteve vantagem pessoal. Também fizeram a bilionária privatização da Cia. Vale do Rio Doce e dirigiram o Programa de Reorganização do Sistema Financeiro (Proer) sem deixar traço de suspeita sobre favorecimento a membros do governo.

Estrago — Fernando Henrique rende-se, no entanto, à evidência de que, mesmo sem estar comprovado, o episódio provocou o maior estrago já feito na imagem do governo. Mais que o grampo do caso Sivam, a marcha dos sem-terra ou a lista do Banco do Brasil. Seus amigos associam o problema às "condições sociológicas" do País.

Uma dessas "condições" é o fato de aventureiros e arrivistas dominarem parte dos votos no Congresso, elegendo-se na fronteira politicamente selvagem da Região Norte. Bem ou mal, é preciso conviver com essa gente, que seria o verdadeiro centro do escândalo.

Num esforço de autocritica, o presidente e amigos admitem uma falha na estratégia política. Teriam errado por não levar em conta que esse "não é um governo comum, mas revolucionário para os padres brasileiros". "Nunca dimensionamos corretamente a reação aos nossos atos", disse um amigo de FH. "Não temos só adversários, mas também inimigos."

Os amigos do presidente recon-

nhecem que é preciso um engajamento maior do PSDB na defesa do governo, algo que o comando do PFL costuma fazer com eficiência. Aos tucanos, além da luta parlamentar, caberia vestir a camisa do governo e aprofundar os laços do partido com a sociedade.

Meditação — O presidente passou parte do fim de semana meditando sobre o problema. Pensou em fazer um pronunciamento à Nação mas, pela falta do que dizer, a ideia estava arquivada ontem. Ele aposta no esvaziamento gradual do episódio, desde que a comissão de sindicâ-

cia da Câmara aponte uma saída palatável, que permita a punição dos deputados e redirecione as investigações para o alvo que considera correto: longe de Brasília. A criação de uma comissão paralamentar de inqué-

**ANÁLISE:
HOUVE FALHA
NA ESTRATÉGIA
PÓLITICA**

rito (CPI) é o pior cenário. "Seria como dar um palanque no Congresso àqueles que já atiram pedras nas ruas", disse um amigo.

O escândalo atingiu Fernando Henrique quando estava próximo de obter, no Senado, a confirmação da emenda da reeleição. Apenas 48 horas antes da divulgação das fitas, saboreava o sucesso com a mulher, Ruth: "A reeleição passou na Câmara e não há nada no *Diário Oficial* que demonstre barganha de votos." O presidente não considera seu governo definitivamente marcado, mas sabe que a luta-de-mel acabou. (R.A.)